



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

RELAÇÃO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E CRIANÇAS: JOGOS TRADICIONAIS COMO MEDIADOR

Área temática - Educação

Maely Martini, Andrea Kruger Gonçalves, Eliane Mattana Griebler, Valéria Feijó Martins, Marina Domingues Teles

¹Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), Programa de Extensão Vidas em Movimento – UFRGS/PROEXT.

Resumo: Nas últimas décadas, a população brasileira apresentou um aumento significativo da proporção de idosos. O aumento da expectativa de vida pode significar a possibilidade de um sentido novo à velhice, onde há maior convivência de diversas gerações, resultando em uma ampliação intergeracional. Os jogos tradicionais são um ponto em comum entre as gerações e evocam no idoso, lembranças de sua infância, e, na criança, o interesse e a criatividade que podem ficar adormecidos em meio às tecnologias e comodidades atuais. Reconhecendo que os mais velhos carregam conhecimentos que podem ser valiosos e transmitidos através de gerações, os jogos tradicionais poderão oportunizar que o idoso transmita essa experiência de vida. O objetivo desse estudo foi investigar os jogos tradicionais como possibilidade de convívio intergeracional, atuando como mediador entre crianças e pessoas idosas. Os sujeitos da pesquisa foram 5 idosos participantes do projeto de extensão CELARI (UFRGS) e 14 crianças do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre. Os instrumentos utilizados foram entrevista e grupo. Para a análise dos resultados utilizou-se a análise de conteúdo com estabelecimento de categorias temáticas. Dessa forma, a interação entre idosos e crianças valoriza a memória e a experiência dos mais velhos, resgatando assim o conhecimento adquirido ao longo dos anos. Os jogos tradicionais revelaram-se como uma possibilidade de ponte entre as duas gerações e possibilita essa relação intergeracional entre idosos e crianças.

Palavras chave: intergeracionalidade; jogos tradicionais; brincar



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



1. Introdução

Atualmente passamos por uma transição demográfica no nosso país, onde se destaca o aumento da população idosa, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2002), assim como o aumento dos anos vividos que se traduz em maior expectativa de vida. De acordo com Drumond (2013), o aumento da expectativa de vida foi de aproximadamente 25 anos em 5 décadas e esse resultado está associado à melhoria da qualidade de vida e saúde dessa população.

Uma das formas de aprender a brincar se dá na relação com o outro. Segundo Pontes (2003), quando a transmissão ocorre dos pais para a criança, ela é denominada de vertical; quando é realizada entre membros da mesma geração denomina-se de horizontal, e oblíqua quando se dá entre não-parentes de gerações diferentes. Portanto, é importante valorizar a história e a cultura das brincadeiras das gerações anteriores pode vir a ser uma forma de apresentar as crianças de hoje um conhecimento que lhe proporcionará o desenvolvimento físico, social e corporal através do brincar, promovendo assim uma reflexão sobre o papel do idoso e o que ele pode contribuir para as novas gerações.

A relação do idoso com a criança é denominada de intergeracional, esse termo é empregado para citar as relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes grupos etários, não se limitando ao âmbito familiar, mas abrangendo todo o campo social (NERI, 2005). Este convívio intergeracional, segundo Ferrigno (2003), é importante na medida em que flexibiliza as relações, valores e comportamentos, bem como diminui o preconceito etário. Acredita-se que os idosos têm muito a dizer através da sua oralidade, façam eles parte ou não da nossa convivência diária. Sabendo que é preciso, desde crianças, absorver conhecimentos da cultura para construir sua própria identidade e para que possamos reconhecer pertencentes a uma família. Sendo assim, os idosos despontam como agentes fundamentais para a transmissão do modo de ser e de agir, peculiares de uma determinada cultura (ANDRADE, s.d.)

Os jogos tradicionais são uma das possibilidades para a relação entre criança e idoso e podem ser definidos como atividades lúdicas, recreativas e culturais praticadas por crianças, jovens e adultos, as quais são mantidas ao longo de gerações pela oralidade, observação e imitação (BRAGADA, 2002). São aqueles jogos que nossos pais e avós brincaram na infância, e que nos transmitiram. Jogos que não foram tirados de livros nem





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

ensinados por um professor, mas sim transmitidos pelas gerações anteriores à nossa ou aprendidos com nossos colegas.

O objetivo desse estudo é investigar os jogos tradicionais como possibilidade de convívio intergeracional, atuando como mediador entre crianças e pessoas idosas. Os objetivos específicos do trabalho são: identificar se ocorre relação intergeracional entre idosos e crianças; caracterizar a relação intergeracional quanto: pessoas envolvidas, situação e frequência; verificar a presença de brincadeiras no convívio intergeracional entre idosos e crianças; verificar o papel/importância da brincadeira como possibilidade de convívio intergeracional. Acredita-se que idosos possam ser agentes de uma ação educativa de preservação e transmissão da memória cultural.

2. Material e Metodologia

Os sujeitos da pesquisa foram cinco idosos participantes do programa de extensão universitária Centro de Estudos de Lazer e Atividade Física do Idoso/CELARI da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e quatorze crianças do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre.

Os cinco idosos foram escolhidos para a amostra por já terem experiência anterior com oficinas de brinquedos. Uma das experiências desse grupo foi o Festival Maré da Arte, o qual é um evento de arte e cultura promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS anualmente em municípios do Litoral Norte, visando a divulgação de manifestações artísticas e culturais locais e da própria Universidade. No festival, os idosos ofereceram uma oficina de brinquedos de sucata. A segunda experiência foi numa oficina de brinquedos ocorrida no evento do Dia das Crianças da UFRGS, promovida pela mesma pró-reitoria, no ano de 2015, no Campus Olímpico.

O espaço educativo onde se sucedeu a coleta de dados trata-se de uma escola da rede pública estadual, situada no município de Porto Alegre, a escolha da escola foi por acessibilidade, pois é próxima ao Centro Olímpico da UFRGS, facilitando o acesso dos idosos. O critério usado para a escolha das crianças foi em relação à idade, visto que nessa idade a brincadeira é muito presente na vida deles. Em razão de o estudo ser qualitativo definiu-se que a amostra seria de uma turma, tendo sido selecionada por conveniência ao tipo de instrumento. A escolha da turma ocorreu por dois motivos: primeiro a partir do 2º



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

ano os alunos já estão alfabetizados, melhorando a expressão das ideias, segundo porque o brincar é ainda uma ação predominante no dia-a-dia nesse período.

No estudo foram utilizados dois instrumentos: entrevista e grupo focal. Para os idosos, utilizou-se entrevista antes da intervenção e grupo focal após a intervenção. Com as crianças, foi aplicado grupo focal antes da intervenção e após a intervenção. A partir dos objetivos específicos foram desenvolvidas dimensões para delinear os indicadores e responder aos objetivos específicos.

3. Resultados e discussões

A análise dos resultados indicou três categorias, as quais foram reveladas a partir dos instrumentos do estudo, sendo as mesmas para os idosos e crianças e originárias das entrevistas e dos grupos focais: netos e convívio familiar, brincadeiras e jogos tradicionais, transmissão: memória e valorização de experiências. As categorias não foram específicas para idosos e crianças, assim como para os instrumentos, porém na apresentação se identificam esses dois grupos para possibilitar a identificação dos temas.

A primeira categoria foi '**Netos e convívio familiar**'. Para os idosos, podemos verificar que ocorre um convívio intergeracional entre os idosos e seus netos, sendo que todos relataram que convivem com essas crianças. O convívio ocorre na casa dos idosos (avós) ou na casa de seus filhos, e na maioria dos casos não é um convívio diário, como relata o IDOSO 1 “*Nos encontramos na casa dela ou na minha casa, todas as semanas e sexta feira é dia de buscar ela no colégio, almoçamos com ela para poder ter esse convívio.*” e IDOSO 2 “*As crianças eu encontro, os meus netos na casa deles ou então lá em casa, porque lá em casa a folia é maior, lá eles ficam a vontade e a gente brinca de várias coisas, então, passo o tempo todo brincando com eles.*” A convivência aqui está mais relacionada ao lazer, ao tempo livre para passar com os netos e poder brincar com eles. Segundo Andrade (2008), os avós serão substitutos dos pais, mas se complementarão, fazendo o papel do irmão mais velho no brincar, no estudo, que com sua experiência oportuniza situações que ajudam o neto a crescer.

Em relação às crianças, 9 dos 10 alunos convivem com seus avós e um deles mora longe. Ressaltamos, que embora a turma fosse composta por 14 crianças, quatro não se manifestaram no grupo focal. Essa convivência é diária para 7 crianças que moram com

Realização:



Patrocínio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

seus avós, os quais assumem o papel de cuidador. Os avós tem uma função importante no cuidado dos seus netos, podendo assumir essa responsabilidade, para que os filhos possa trabalhar, por exemplo. Isso corrobora com Rabinovich, Moreira e Franco (2012), quando indicam que, muitas vezes, os avós sucedem aos pais na importância nos papéis familiares, podendo ser observado maior interdependência emocional do que econômica/funcional com relação à criança. Segundo Ramos (2011), muitos são os fatores que podem levar os netos a conviverem com seus avós, dentre eles está questões relacionadas a idade avançada, viuvez, perda de autonomia, onde os avós passam a residir com os seus filhos e relacionado também as questões de ajuda aos filhos, podendo ser por dificuldades financeiras, divórcios, alto custo de vida, entre outros.

A segunda categoria foi **‘Brincadeiras e Jogos Tradicionais’**, relacionando-se as brincadeiras e jogos tradicionais que os idosos e as crianças conhecem. Quanto aos idosos, percebe-se a presença da brincadeira quando afirmam que brincam com seus netos, isso fica nítido em uma das falas onde o IDOSO 4 diz que *“Brinca um monte, me jogo no chão, to sempre sentada no chão brincando com eles, a gente brinca de esconder, brincamos de pegar, brincamos de várias coisas, de desenhar, de montar, com meu neto principalmente, fazer lombinha para o carro passar, montar garagem, montar casinha, com minha neta também a gente brinca um monte, ou ela me penteia, ou ela, sabe coisas assim.”* De acordo com os estudos de Marangoni (2007), os avós são de extrema importância para o apoio financeiro e afetivo em uma família, além de outros papéis como, aconselhar, estabelecer limites e regras, mas acabam também desempenhado o papel de brincar, “mimar”, ensinar novas brincadeiras, propiciando um ambiente aconchegante e agradável.

As brincadeiras dependem muito da faixa etária, com os netos mais novos, as brincadeiras são mais simples – IDOSO 1 *“Olha, normalmente eles tem os brinquedos, minha netinha tem os brinquedos mais modernos de hoje, a pequeninha é muito pequeninha, só brinca de tapa no rosto, brinca aqui, belisca aí, mas os brinquedos, esses antigos a gente nunca teve oportunidade.”* – e com os netos mais velhos os idosos tentam passar novas brincadeiras, como relata o IDOSO 4 *“O que eu posso te dizer, a gente brinca*

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

de pegar, de esconder, não deu oportunidade ainda pra fazer o catavento pra ele, que eu vou ensinar que agora eles estão maiorzinhos pra mexer em prego e antes era difícil. Então isso é uma etapa para serem feita com eles. Telefone sem igual fio a gente brinca até o telefone sem fio foi a minha neta que veio e o gente brinca.” Segundo Andrade (2008), os avós estimulam à criatividade do neto, através da transmissão de sua experiência, memória, linguagem, entre outros. Além da troca cultural, percebe-se também uma troca afetiva entre o avô e o neto que além de estimular a potencialidade intelectual de ambos, favorece a manutenção da memória, descobrindo uma presença ativa do idoso na família.

As crianças apresentam dados interessantes, sendo que é possível identificar dois tipos de manifestação: as crianças que convivem e brincam com seus avós; as crianças que convivem, mas não brincam. As respostas evidenciam que as crianças, que encontram com seus avós com menos frequência, brincam mais e aprendem brincadeiras e atividades com eles. Já as crianças, que moram com seus avós, não relatam brincar com eles, mas relatam a ação de cuidar. Como cita o ALUNO 5, quando perguntado sobre o que fazia quando estava junto de seus avós, *“a gente fica vendo TV e cuidando do meu irmão”*. Mais uma vez percebe-se o novo papel dos idosos citados anteriormente. Nesse ponto ainda observamos um distanciamento do neto em relação aos avós, o convívio deles é mais distante, não percebemos nas respostas uma transmissão de valores, brincadeiras e experiências. O convívio entre avós e netos promove o entrelaçamento de dois tempos e muitas vezes os avós são tidos como desinteressantes. As representações negativas ou neutras que os netos tem de seus avós acabam aumentando o distanciamento entre as gerações, dificultando ainda mais a transmissão de experiências, brincadeiras, entre outros (MARANGONI, 2007). Isso fica evidente na resposta desse mesmo aluno não brinca com seus avós e, portanto, também não ensinou nenhuma atividade que aprendeu com os idosos na escola.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Na segunda categoria, foi encontrada uma subcategoria, pois não podemos nos referir às brincadeiras nos dias de hoje sem remeter aos brinquedos atuais encontrados prontos nas lojas e, quase sempre, mais tecnológicos. As tecnologias estão presentes nas entrevistas, no caso dos idosos, relatam que seus netos muitas vezes estão mais ligados nas tecnologias e não tem interesse em outras brincadeiras e jogos. Percebe-se pelos relatos, que os netos dos idosos possuem uma rotina estruturada, com os horários organizados, faltando às vezes, tempo para brincar e nos momentos que livres as netos optam pelos brinquedos prontos e tecnológicos. Para Schiffel (2012), os tempos atuais tornaram crianças e jovens inativos, sendo que os equipamentos eletrônicos poderão conduzir a alienação intelectual. Em sua entrevista, o IDOSO 2 relata que *“Essa menina é difícil de brincar com ela, ela tá sempre de smart (smartphone) na mão assim sabe e o ele tá maiorzinho está mais complicado, quando era pequeno era bom porque a gente jogava futebol, coisa assim e agora quando vê é pouco tempo, diminuiu muito o tempo de contato.”*

No grupo das crianças, percebemos que não têm o mesmo acesso as tecnologias e isso faz com que conheçam e brinquem mais com seus avós, de atividades variadas, como a amarelinha, jogar bola, costurar, secretária, entre outros. Em nenhum momento os brinquedos tecnológicos apareceram nas respostas das crianças. Talvez isso ocorra diferente do que os idosos mencionaram em razão inicialmente da idade, já que isso ocorreu para os netos de mais idade. Um outro fator pode ser a questão socioeconômica porque esses idosos do Celari possuem uma condição diferente das crianças, as quais são de uma classe econômica inferior, influenciando o acesso à tecnologia.

A última categoria foi **‘Transmissão: memória e valorização de experiências’**, que está relacionada com a troca de experiências nas relações entre avós e netos, tanto no contexto dos idosos, quanto nos das crianças. Essa categoria foi percebida nas respostas pré-intervenção, durante a intervenção e nas respostas pós-intervenção. No grupo dos idosos, percebe-se que há uma convivência e troca de experiências, tanto nas brincadeiras quando no dia a dia. Em um resposta o IDOSO 4, relata que as brincadeiras são

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

transmitidas por parte dele, mas também aprende com seus netos: *“O que eu posso te dizer, a gente brinca de pegar, de esconder, não deu oportunidade ainda pra fazer o catavento pra ele, que eu vou ensinar que agora eles estão maiorzinhos pra mexer em prego antes era difícil. Então isso é uma etapa para serem feita com eles. Telefone sem fio a gente brinca, até o telefone sem fio foi a minha neta que veio e o gente brinca igual”*. Nesse convívio intergeracional, a transmissão dos saberes não é linear, é uma via de “mão dupla” em que as duas gerações possuem conhecimento que podem ser desconhecidas pela outra, sendo que essa troca possibilita vivenciar diversos modos de agir, sentir e pensar, renovando as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas com que convive (CARVALHO, 2012).

No grupo das crianças, a questão de transmissão de valores e experiências está presente em boa parte das suas falas, algumas vezes é verticalizada (vindo dos avós para o neto) e em outras é horizontal. Os alunos que relatam ter aprendido brincadeiras com seus avós, como o ALUNO 1 em sua fala: *“ a minha avó me ensinou a costurar e a jogar raquete, foi ela que me ensinou fazer artesanato é um monte de coisas [...]ela me falou que brincava de cinco marias, brincava de amarelinha, ela brincava de secretária e aí eles não tinham telefone e usavam a mão e muito mais.”*, são os mesmos que no grupo focal, pós-intervenção, dizem ter passado o que foi aprendido para seus avós, *“eu falei para minha avó que eu brinque de muitas coisas, eu falei pra ela que me diverti e depois ela brincou comigo do que eu brinquei. O que tu ensinou para ela? eu ensinei aquela de cinco marias, Escravos de Jó e mamãe posso ir e amarelinha”*, reforçando a ideia de Carvalho, citado anteriormente. Mesmos nos alunos que não tem essa relação de transmissão tão forte com seus avós, foi percebido que pelo menos comentaram as atividades que haviam aprendido para seus avós.

Realização:



Patrocinador:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Durante a intervenção, a troca de conhecimento, saberes e experiências estavam presente a todo o momento. Esse fato ficou evidente na atividade da bolita, pois ela pode ser jogada de diferentes formas. O idoso que propôs essa atividade ensinou da forma que ele sabia e brincava antigamente. No momento que foi ensinado a atividade, um dos alunos disse que conhecia de outra forma e também transmitiu esse conhecimento ao idoso e seus colegas. Esse é um passo muito importante na valorização das experiências, pois, segundo Carvalho (2012), as atividades intergeracionais proporcionam um espaço em que as diferentes gerações, respeitam-se, criam uma história comum, a partir das saberes de cada indivíduo; levando em consideração as diversidades e o conhecimento de cada um. Isso se aplica também a valorização da memória, onde os idosos, por terem vividos mais anos, tem mais conhecimentos e experiências para transmitir, assim como cita o sociólogo Dumazedier (1992, p. 9):

As velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc. porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva. Se elas não transmitir em esse tipo de saber, quem o fará?

Nas respostas do grupo focal dos idosos, relatando a sensação que tiveram com essa experiência, fica nítida a valorização da memória e conhecimento dos idosos, como relata o IDOSO 3 “ *a experiência foi maravilhosa, no aspecto de trocas entre eu e as crianças, entre a geração nova e a geração antiga. Eu sempre tive esperança e quase certeza que eles iriam receber com muito bom gosto as nossas brincadeiras e assim foi. Para mim recordar é viver, e nesse momento eu recordei as brincadeiras. Essa experiência nos renova, nos faz perceber que ainda podemos ajudar em alguma coisa, mesmo que sendo*



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

mínima, brincando.” Essa fala deixa evidente que os idosos se sentiram valorizados naquele contexto, além de perceberem que podem contribuir e muito com as demais gerações. Dessa forma, o idoso na condição de quem ensina demonstrou que ainda tem muito a oferecer para contribuir na formação cultural da criança. Esse fato corrobora com Castro (2001) quando afirma que os velhos precisam de espaço para falar e se expressar para que se torne possível uma nova visão do que ele é, fugindo do estereótipo imposto pela sociedade.

4. Conclusão

Com bases nos resultados, observamos que as relações intergeracionais podem estar em diversos espaços, bem como se apresentar das mais variadas formas. O trabalho tinha por objetivo investigar os jogos tradicionais como possibilidade de convívio intergeracional, atuando como mediador entre crianças e pessoas idosas. Os resultados indicaram três categorias, na primeira ‘netos e convívio familiar’ podemos verificar que ocorre convívio intergeracional nos dois grupos: idosos do Celari e seus netos, crianças e seus avós. A segunda categoria foi ‘brincadeiras e jogos tradicionais’, a qual indicou que brincadeiras e jogos tradicionais estão presentes no convívio intergeracional. E, por fim, a ‘transmissão: memória e valorização de experiências’, mostrando que o convívio se mostrou como algo presente nas falas de crianças e idosos, sendo que a brincadeira e/ou jogo se mostraram como possibilidade de mediação.

A interação entre idosos e crianças valoriza a memória e a experiência dos mais velhos, resgatando o conhecimento adquirido ao longo dos anos. Os jogos tradicionais revelaram-se como uma possibilidade de ponte entre as duas gerações, favorecendo a relação intergeracional. A experiência de transmissão permitiu a valorização da memória e valores dos idosos, como indivíduos ativos e transmissores de conhecimento.

O interesse das crianças pelos brinquedos ficou evidente, valorizando o conhecimento dos idosos que se sentiram prestigiados ao passarem as suas experiências, sendo que o convívio com os colegas e com as crianças foi motivador. Dessa forma, o idoso na condição de quem ensina demonstrou que ainda tem muito a oferecer para contribuir na formação cultural da criança. Observa-se que os idosos estão sendo percebidos como pessoas que tem muito para ensinar e aprender, demonstrando a necessidade de estar sempre em contato com novos conhecimentos e novas experiências.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Sugere-se aprofundamento nesse estudo nas questões socioeconômicas, pois percebemos diferenças de classe entre os dois grupos, o que pôde influenciar os resultados. Outro ponto a ser estudado é a questão familiar, pois se a intervenção fosse com os próprios netos dos idosos, talvez fossem observadas outras nuances sobre o tema.

5. Referências

ANDRADE, C. M., OSORIO, N. B., SINESIO NETO, L. **Avô – Neto**: uma relação de risco e afeto. Santa Maria: Biblos, 2008.

ANDRADE, E. R. **Velhice e educação física escolar**: uma possibilidade de diálogo intergeracional. Disponível em: <http://www.geppc.org.br/sites/default/files/uploads/evento/190/anais/gt5.pdf>. Acesso em: 8 set. 2015

Bragada, J. Jogos tradicionais e o desenvolvimento das capacidades motoras

na escola. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2002.

CARVALHO. M. C. B. N. M. Relações Intergeracionais: alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. **Revista Portal de Divulgação**, v. 3, n. 28, dez. 2012.

CASTRO, O. P. Envelhecer: um encontro inesperado? Sapucaí do Sul: Notadez, 2001.

DRUMOND C. *et al.* Transição demográfica e atenção à saúde da pessoa idosa no âmbito da atenção primária à saúde: um estudo de revisão sobre o cenário brasileiro. **Revista APS**, v. 16, n. 3, p. 320-327, jul./set. 2013.

DUMAZEDIER, J. (1992). **Criação e transmissão dos saberes**. Tradução de Vera Ribeiro. *Revista Gerontologie et société*, n. 16, jul.

FERRIGNO J. C. **Co-educação entre gerações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



MARANGONI J. F. C. **Meu tempo, seu tempo:** refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, 2007.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia.** Campinas, SP: Alínea, 2005.

PONTES F. A. R. Magalhães C. M. C. **A Transmissão da Cultura da Brincadeira: Algumas Possibilidades de Investigação;** Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(1), pp.117-124

RAMOS, A. C. Meus Avós e Eu: As Relações Intergeracionais Entre Avós e Netos Na Perspectiva Da Criança; Orientador: Johannes Doll; Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, Março de 2011.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; FRANCO, A. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia Social**, v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012.

SCHIFFL J.; SANTOS L. C. T.; **Jogos e Brincadeiras Tradicionais: Contrapontos Entre Tradição e Tecnologia** IN – O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANENSE. Vol 1, Secretaria de Estado da Educação, Paraná, 2012.

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



ISBN: 978-85-93416-00-2